

O BILINGUISMO PRESENTE NA OBRA *A ORIGEM DO BEIJA-FLOR* DE YAGUARÊ YAMÃThiago Muniz da Silva¹**RESUMO**

O presente ensaio objetiva analisar a obra "**A Origem do Beija-flor**", de Yaguarê Yamã, destacando sua relevância na preservação da língua Maraguá, ameaçada de extinção. Trata-se de uma escrita em Português e Maraguá, que narra um mito que explora a relação entre humanos e natureza, com ênfase na espiritualidade e na força do amor materno. O livro traz uma reflexão sobre identidade e linguagem, alinhando-se às ideias de George Steiner (1992), que defende o bilinguismo como uma forma de resistência cultural. A análise considera o bilinguismo não apenas como um recurso literário, mas como um ato político de valorização cultural. A escolha do autor Yaguarê Yamã em utilizar o Maraguá, mesmo sendo predominantemente autor em português, reflete a intenção de perpetuar sua herança cultural, enfatizando o papel da literatura na luta pela visibilidade e reconhecimento dos povos indígenas. Dessa forma, compreende-se a literatura como um instrumento que transcende fronteiras, culturas e línguas.

Palavras-chave: Literatura Indígena. Bilinguismo, Cultura. Resistência.

THE BILINGUALISM IN YAGUARÊ YAMÃ'S WORK *THE ORIGIN OF THE HUMMINGBIRD***ABSTRACT**

This essay aims to analyze the work "*A Origem do Beija-flor*" (*The Origin of the Hummingbird*) by Yaguarê Yamã, highlighting its relevance in preserving the Maraguá language, which is at risk of extinction. Written in both Portuguese and Maraguá, it narrates a myth that explores the relationship between humans and nature, emphasizing spirituality and the strength of maternal love. The book offers a reflection on identity and language, aligning with George Steiner's (1992) ideas, which advocate bilingualism as a form of cultural resistance. The analysis considers bilingualism not merely as a literary device but as a political act of cultural appreciation. Yaguarê Yamã's choice to use Maraguá, despite predominantly writing in Portuguese, reflects his intention to preserve his cultural heritage, emphasizing the role of literature in the struggle for visibility and recognition of Indigenous peoples. Thus, literature is understood as a tool that transcends borders, cultures, and languages.

Keywords: Indigenous Literature. Bilingualism. Culture. Resistance.

¹ Doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre. E-mail: munizpib2017@gmail.com

A primeira vez que li uma obra de Yaguarê Yamã, foi sobre a narrativa de um curumim que explora a floresta. A obra revela mais do que uma simples aventura infantil, serve como uma metáfora rica e multifacetada sobre a relação intrínseca entre o ser humano e a natureza, além de refletir o universo cultural e espiritual dos povos indígenas. O curumim, a figura central na história, vive um mundo em que as fronteiras entre sonho e realidade, imaginação e materialidade, são fluidas e interconectadas. Essa abordagem não apenas encanta o público infantil, mas também convida os leitores mais maduros a uma reflexão mais profunda sobre a percepção e a experiência da realidade.

Yaguarê Yamã, um autor nascido no Amazonas e pertencente ao povo Maraguá, utiliza sua obra para fazer mais do que contar histórias. Ele desafia o leitor a entender a complexa interseção entre a realidade cultural e as adversidades enfrentadas pelos povos indígenas. A simplicidade aparente da narrativa infantil é um veículo para explorar temas profundos de luta e ativismo político, muitas vezes ofuscados pela falta de representação e pela marginalização histórica dos Maraguás.

A realidade dos Maraguás é um testemunho da persistente invisibilidade e opressão que muitos povos indígenas enfrentam. Historicamente, os Maraguás foram erroneamente classificados como pertencentes ao grupo Sateré-Mawé ou considerados extintos, refletindo uma negligência que se estende à falta de representação adequada em dados estatísticos e censos. Essa invisibilidade não é meramente uma falha administrativa; ela é uma forma de apagamento cultural e político que contribui para a perpetuação de injustiças.

Em 2020, as denúncias da Comissão Pastoral da Terra² destacaram a violência brutal contra os Maraguás, revelando uma realidade de perseguições, tortura e morte. Essas atrocidades não são eventos isolados, mas sim parte de um padrão mais amplo de agressão e negligência sistemática contra os povos indígenas. Esse cenário ressalta a urgência da luta por reconhecimento e direitos, incluindo a demarcação de terras, a preservação das línguas e a perpetuação da cultura e dos valores indígenas.

O século XXI, apesar dos avanços tecnológicos e das conquistas sociais em muitos aspectos, ainda mantém um cenário alarmante de injustiça e violência contra os

² <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes-2/noticias-2/104-massacres-no-campo/5357-acao-policial-na-regiao-do-rio-abacaxis-no-amazonas-deixa-rastro-de-sangue-e-violencia>

povos indígenas. A luta pela visibilidade e pelos direitos dos Maraguás e de outros grupos indígenas continua a ser uma batalha complexa e multifacetada, enraizada em relações de poder desiguais e em uma herança de colonialismo e exploração.

Ao ler a obra de Yaguarê Yamã, o leitor é convidado a não apenas apreciar uma história, mas também a refletir sobre as realidades e os desafios que moldam a vida dos povos indígenas. A literatura serve como um espelho para a sociedade, revelando tanto a beleza quanto a crueldade que coexistem no mundo moderno. Reconhecer e compreender esses aspectos é um passo crucial na luta pela justiça e pelo respeito aos direitos dos povos indígenas.

Contudo, neste ensaio não irei analisar o livro de Yaguarê Yamã “Um curumim, uma canoa”, mas a obra “A origem do beija-flor”, publicada em 2012 pela editora Peirópolis Mundo e tem como ilustradora Taisa Borges.

O livro integra a coleção Peirópolis Mundo, primeira linha brasileira de livros infantojuvenis dedicada a resgatar línguas ameaçadas de extinção. No mundo existem cerca de 6 mil idiomas, e 2,5 mil deles estão prestes a desaparecer. Com eles, desaparecem também conceitos, valores e visões de mundo. (p. 35)

Verifica-se que a finalidade da obra é resgatar a língua dos Maraguás uma vez que ocorre o perigo de extinção. Nesse sentido, a luta por reconhecimento, fez-se necessária. Isso se dá, principalmente, por meio da literatura. Logo, o livro ocupa um lugar significativo e estratégico, pois possibilita a revitalização da língua Maraguá.

Trata-se de um livro bilingue, em que os trechos são escritos em língua portuguesa e em maraguá. É importante mencionar que a editora possibilita a audição da história em sua língua original, no caso maraguá, no site³ da própria editora.

O fato é que temos, nesse contexto, uma situação que merece ser discutida e analisada. Em *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem*, Steiner faz uma análise sobre a relação dos escritores com a língua e como essa é expressa no contexto da literatura, especialmente no que diz respeito ao bilinguismo e ao multilinguismo.

Para o autor, o escritor não apenas utiliza a língua como ferramenta, mas também como um meio de expressar e influenciar o pensamento. A discussão inicia da visão romântica do escritor como um gênio que incorpora a essência da sua língua materna até

³ <https://www.editorapeiropolis.com.br/peiropolismundo>

a complexidade de autores como Nabokov, que, ao longo de sua carreira, navegou por várias línguas, produzindo obras originais e traduzindo seus próprios textos.

Nos primeiros parágrafos, Steiner afirma que o multilinguismo não é um fenômeno recente na literatura. Autores como Petrarca, Milton e Racine, por exemplo, trabalharam em contextos onde múltiplas línguas estavam em jogo, muitas vezes traduzindo ou adaptando formas clássicas para suas línguas vernáculas. Já para outros escritores, tais como Heine, Wilde, Beckett e Borges, o bilinguismo ou multilinguismo tornou-se uma parte central de suas obras, muitas vezes ligado a uma sensação de deslocamento cultural ou identidade fragmentada.

Ao citar Vladimir Nabokov, Steiner explora o fato de que é um autor que foi exilado e consegue produzir obras em diferentes idiomas e, dessa forma, explorar múltiplas línguas é uma reflexão sobre a natureza da linguagem. É uma questão de identidade.

George Steiner apresenta o pensamento de que a linguagem como uma capacidade humana não tem limites ou fronteiras, ao contrário com outras habilidades físicas como andar, correr e pular, que têm limites bem definidos. Steiner argumenta que a linguagem transcende essas limitações, abrindo um campo infinito de possibilidades para a expressão e a comunicação humanas. Essa ideia é particularmente relevante quando se considera o bilinguismo e o multilinguismo, especialmente no contexto da tradução.

Nesse sentido, a linguagem não possui fronteiras definidas. A capacidade de manipular palavras, de criar significados novos e de comunicar pensamentos complexos, é um poder que parece infinito. Essa ideia reflete a profundidade e a flexibilidade da linguagem, que pode ser constantemente adaptada, moldada e recriada para atender às necessidades expressivas dos indivíduos e das culturas.

A ideia de que a linguagem não tem fronteiras é essencial no campo da tradução. Traduzir não é apenas uma questão de transferir palavras de uma língua para outra; é um processo que envolve a recriação de significados, emoções e contextos culturais. Quando um tradutor ou um autor trabalha com duas ou mais línguas, ele não está apenas transportando informações, mas recriando uma obra dentro de uma nova moldura linguística e cultural. Nesse sentido, o poder ilimitado da linguagem se manifesta na capacidade de um texto manter ou até expandir seu significado através da tradução.

Dentro do contexto de Steiner, o bilinguismo e o multilinguismo não são apenas habilidades de comunicação em várias línguas, mas representam a capacidade do indivíduo de navegar e expressar-se em diferentes sistemas de pensamento e cultura. A obra "A origem do Beija-flor", pode ser vista como um exemplo dessa dinâmica, onde o uso de múltiplas línguas não só enriquece a narrativa, mas também demonstra a plasticidade e a resiliência da linguagem em transcender fronteiras culturais e linguísticas.

Quando um autor traduz sua própria obra para outra língua, ele não está simplesmente realizando uma tarefa técnica. Em vez disso, ele está reescrevendo a obra, recriando-a em um novo contexto linguístico. Isso é especialmente relevante no contexto da teoria de Steiner, pois reforça a ideia de que a linguagem é ilimitada e que a tradução é uma extensão natural dessa capacidade infinita. O ato de traduzir torna-se, assim, uma forma de explorar as profundezas da linguagem e de expandir as fronteiras do original, potencialmente abrindo novas interpretações e significados.

O texto "A origem do Beija-flor", ao se inserir no contexto do bilinguismo ou multilinguismo, exemplifica como a literatura pode funcionar como um campo de experimentação para esses conceitos. Ela pode explorar as nuances e as particularidades de diferentes línguas, mostrando como a narrativa pode se transformar e se enriquecer através da interação entre diferentes sistemas linguísticos.

O interessante em Yamã é que a maioria dos livros publicados são escritos em língua portuguesa. E, nesse caso, surge a seguinte questão: qual a língua materna do autor? É o maraguá ou o português? Ele escreveu o texto em língua materna ou traduziu para a sua língua materna?

No caso, em específico, pode-se dizer que ambas as línguas fazem parte do processo formativo do escritor. A decisão dele em produzir um texto em maraguá, vai muito mais do que, simplesmente propor a escrita em sua língua materna, no entanto, perpetuar a sua cultura uma vez que a língua maraguá corre risco de extinção, como já mencionei anteriormente.

Já na capa, o título "A Origem do Beija-flor" é destacado, enquanto a tradução "Guanãby Muru-Gáwa" é apresentada como um subtítulo. Nas páginas seguintes, o mesmo princípio é mantido: a versão em língua portuguesa aparece em uma fonte maior e na cor preta, enquanto a versão em maraguá é apresentada em uma fonte menor e na cor verde.

A narrativa contida na obra é um mito que carrega em si a profundidade cultural e espiritual dos povos indígenas. A história gira em torno de Guanãby, uma mulher viúva que dedica sua vida ao cuidado de sua filha de oito anos, Potyra. Juntas, elas encontram consolo na natureza, passeando todos os dias para admirar as flores e o ambiente ao seu redor, numa tentativa de suavizar a dor pela perda do marido.

A tragédia, contudo, se intensifica com a morte de Guanãby, deixando Potyra sozinha e desolada. A menina, devastada pela perda, visita diariamente o túmulo da mãe, plantando flores ao redor, até que, consumida pela tristeza, também acaba morrendo. Sua alma, então, se transforma em uma borboleta, mas fica presa em uma flor de batata'rana, simbolizando a ligação entre o mundo dos vivos e o mundo espiritual.

Enquanto isso, a alma de Guanãby também se transforma em alma-borboleta, que vaga ao redor de várias flores, incluindo a flor onde a alma de sua filha está aprisionada. Desesperada para libertar a filha, Guanãby apela ao deus da bondade, Monãg, pedindo para ser transformada em um pássaro veloz. Monãg atende ao seu pedido, transformando-a em um beija-flor. Somente assim, como esse pássaro ágil e determinado, Guanãby consegue libertar a alma de sua filha, levando-a ao mundo dos espíritos.

Esse mito, além de revelar a profunda conexão entre os seres humanos e a natureza, exemplifica a crença na continuidade da vida após a morte em que as almas dos falecidos continuam a existir em outra forma, seja como borboletas, flores, ou pássaros. A transformação de Guanãby em beija-flor, em particular, simboliza a força do amor materno, capaz de superar as barreiras entre o mundo dos vivos e dos mortos.

A apresentação bilíngue da obra também oferece uma reflexão sobre a preservação e valorização das línguas indígenas. A forma como a narrativa é disposta nas duas línguas não apenas coloca o português em evidência, mas também reconhece e preserva a língua maraguá, promovendo um diálogo entre culturas. Esse diálogo reflete o poder da linguagem, que, conforme discutido por George Steiner, não conhece fronteiras. Assim, a obra se torna um exemplo concreto de bilinguismo, uma vez que duas línguas coexistem e enriquecem a experiência de leitura, mantendo viva a tradição oral e escrita dos povos indígenas.

Além disso, ao incorporar a tradução maraguá ao lado do português, a obra reforça a ideia de que a linguagem é uma ponte entre diferentes mundos e culturas. Cada versão do texto, com suas nuances e particularidades, contribui para uma compreensão mais

profunda do mito e de sua importância cultural. A tradução, portanto, não é apenas uma transposição de palavras de uma língua para outra, mas uma recriação que carrega consigo o peso histórico e emocional das culturas envolvidas.

Portanto, "A Origem do Beija-flor" ou "Guanãby Muru-Gáwa" exemplifica o poder transformador da linguagem, tal como defendido por Steiner, ao demonstrar que a narrativa pode transcender fronteiras culturais e linguísticas, enriquecendo tanto o texto quanto o leitor através do bilinguismo. E, nesse caso, perpetuar uma língua com risco de extinção.

Referências

STEINER, George. **Extraterritorialidade: a literatura e a revolução da linguagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

YAMÃ, Yaguarê. **A origem do Beija-flor: Guanãby Muru-gáwa**. São Paulo: Peirópolis, 2012.

YAMÃ, Yaguarê. **Um curumim, uma canoa**. São Paulo: editora Zit, 2012.